

Sim ou não?

Valódia Monteiro

Dois personagens

– Antonius (ou António, tradicionalmente um dos mais vulgares nomes de Cabo Verde e Nemo (ninguém) – encontram-se, desde sempre num mesmo espaço, até que o primeiro, sufocado com o estado de coisas, decide sair e procurar outro espaço para viver. Convida o companheiro de sempre para essa jornada, mas este refuta o convite. Antonius não se dá por vencido e continua tentando convencer Nemo durante toda a peça.

Antonius: Vou-me embora.

Nemo: Antonius, para onde vais?

Antonius: Para lugar nenhum.

Nemo: Então, por que vais?

Antonius: Por que motivo haveria de ficar?

Nemo: Sei lá. Melhor ficar do que ir sem saber para onde.

Antonius: Achas que tens sempre a resposta para tudo?

Nemo: Só sei que consigo responder a todas as perguntas. Se não, tenta responder-me a isto: Antonius, para onde queres ir?

Antonius: Para qualquer lado. Não me importo com o meu destino.

Nemo: Já nada te prende aqui?

Antonius: Não sei. Acho que estou sendo chamado para outro lugar. Já nada me segura aqui.

Nemo: Nem esta minha mão, Antonius?

Antonius: Não, Nemo. As mãos servem simplesmente para amparar.

Nemo: E os braços, para que servem?

Antonius: Os braços, sim. Esses sim servem.

Nemo: Então, segura-os.

Antonius: De quem, Nemo?

Nemo: Ora, os meus, Antonius.

Antonius: Não, os teus não.

Nemo: Por que não?

Antonius: Porque não consegues. Tu não me consegues suster. Em mim, trago tanta caleja que os teus braços serão insuficientes.

Nemo: Por que te vais embora?

Antonius: Porque preciso de ar. Preciso acordar e sentir outro ar.

Nemo: Já não suportas este ar?

Antonius: Suporto sim.

Nemo: Então, porque te vais?

Antonius: Porque ele me oprime demais.

Nemo: Nunca me tinhas dito isso.

Antonius: Não te digo muita coisa.

Nemo: Então, porque é que me estás a contar isto agora?

Antonius: Disse-o porque queria. Apeteceu-me.

Nemo: Obrigado pela gentileza.

Antonius: Eu é que te agradeço.

Nemo: Sempre gostei da tua sensatez.

Antonius: Nemo, alguma vez, na vida sentiste que nada valia a pena?

Nemo: Não.

Antonius: ...Que o chão que pisavas te escapava?

Nemo: Não.

Antonius: ... Que a água que bebias era a sede de outrem que estavas a matar?

Nemo: Não.

Antonius:... Que aquilo que comias não te sustentava?

Nemo: Não.

Antonius:... Que o teu riso pertencia à outra pessoa?

Nemo: Não.

Antonius: ...Que o que fazias tinha sentido?

Nemo: Não.

Antonius: Então, Nemo, o que tens feito?

Nemo: Nada. Apenas o que me mandam. O que querem.

Antonius: E tu não dizes nada? Não reclamas de nada?

Nemo: Não. Nunca. Nunca me preocupei com isso.

Antonius: Alguma vez terás voz, Nemo?

Nemo: Não. Não preciso dela. Ninguém me irá escutar. Não preciso disso.

Antonius: Então, de que precisas? O que queres? Para que vives?

Nemo: Não preciso de nada. Nunca pedi nada. Para onde vais, Antonius?

Antonius: Queres vir comigo?

Nemo: Sei lá. O que isso significa isso? Lá tem água fresca?

Antonius: Não sei.

Nemo: Sim ou não, Antonius?

Antonius: Já te disse que não sei. Não me aborreças.

Nemo: Antonius!

Antonius: Não sei.

Nemo: Então, como é que queres que eu vá se não sabes se ali tem o que quero.

Tens que me dizer que sim. Eu não conheço a palavra esperança.

Antonius: Nemo, mas eu não te sei dar a resposta.

Nemo: Não tens tu todas as respostas?

Antonius: Sim. O problema são as tuas perguntas. Sinceramente não sei a resposta.

Nemo: Mas, não sei não é resposta. É dúvida. Eu quero certezas. Eu não conheço a palavra esperança.

Antonius: Tens algo contra esta minha ideia de sair?

Nemo: Não. Não tenho opinião. Por mim, faz o que te apetecer. Fica descansado, pois da minha boca não ouvirás uma reclamação sequer.

Antonius: Serás sempre assim?

Nemo: Assim como?

Antonius: Como insistes em ser.

Nemo: Deixa-me em paz. Tens contigo a água fresca?

Antonius: Não, nem por isso.

Nemo: Então, não me chames.

Antonius: Mas isso, já é egoísmo.

Nemo: Por que me dizes isso? E o teu será o quê? Tu vais e deixas-me aqui sozinho.

Antonius: Sempre gostaste de ficar sozinho.

Nemo: Sim, mas sozinho contigo bem próximo. Antonius, não te esqueças, por aqui não há outros.

Antonius: Mas, isso para ti nunca foi problema.

Nemo: Eu sei. O problema é que antes nunca houve esse problema.

Antonius: Mas isso se resolve rapidamente. Há uma solução para isso.

Nemo: Eu sei que há, mas não me interessa a tua solução. Vais insistir nisso?

Antonius: Para eu te convencer, terei de insistir ou queres que eu vença sem insistência. Como preferes que seja essa luta?

Nemo: Eu nunca pensei em luta. Para mim, desde cedo ficou bem claro que tinha sido uma resolução e pronto. Nunca pus a questão em outros termos.

Antonius: Estás mesmo insistindo. Isto vai ser renhido.

Nemo: Nem sei o que estás por aí a dizer.

Antonius: Tu estás mesmo convicto.

Nemo: Estás bem?

Antonius: Claro. Não vejo razões para não estar.

Nemo: Tu assim o dizes. Mas, não creio.

Antonius: Agora eu é que não te entendo. Tu nunca foste de ter opinião. Não sei o que se passa contigo.

Nemo: Estou tranquilo. O problema é que de tanto ouvir esta frase já me acostumei a ela.

Antonius: Gostaria de ser como tu, Nemo. Não ter nada com que me preocupar.

Nemo: Prefiro ter o que me ocupar.

Antonius: Insinuas que eu nada faço?

Nemo: Antonius, já me conheces. Já sabes quem sou. Esta conversa não nos levará a lado nenhum.

Antonius: A conversa não pode, mas eu posso. Eu posso e vou.

Nemo: Nada tenho eu com isso.

Antonius: Já imaginava isso. De ti não esperava outra coisa.

Nemo: Não sou obrigado a te seguir. Não sinto que eu tenho esse dever.

Antonius: Então, por que o fazes com os outros? Eu não sou suficiente para ti?

Não vês em mim alguém que possas seguir?

Nemo: Nunca te disse isso.

Antonius: Por que não me segues? Há em mim algo que te desagrade? Diz - me para eu ver se posso alterar alguma coisa. Não te acanhes.

Nemo: Não te preocupes. Sabes que não sou desse tipo de pessoas. Do outro lado não tem o que eu quero. Prefiro ficar aqui e... pronto.

Antonius: Mas eu não te entendo. Dispensas a minha companhia para... ficares sozinho. Não te entendo, mesmo. Diz ou faz alguma coisa que eu possa entender.

Sinceramente, Nemo!

Nemo: Vejo que tu te revelaste ser um grande egoísta, Antonius! De facto, as pessoas revelam-se, verdadeiramente na sua plenitude nos momentos de aperto.

Cada dia eu te conheço mais, meu caro!

Antonius: O que disseste? Eu!!?? Egoísta? Então, chamas a isto egoísmo? Eu convido-te para uma jornada e eu sou egoísta? Que farei eu para que me possas entender?

Nemo: Revela-te mais.

Antonius: Até que ponto?

Nemo: Até eu te conhecer melhor.

Antonius: E se me conheceres melhor, quais serão as vantagens?

Nemo: Ora, deixa que isso aconteça.

Antonius: E se isso não acontecer?

Nemo: Se não acontecer... não aconteceu. Continuaremos nesse impasse.

Antonius: Não tens mais nada a dizer?

Nemo: Por que razão me dizes isso? Já te cansaste?

Antonius: Notaste isso?

Nemo: Porquê? Está assim tão evidente?

Antonius: Não te perguntarei mais nada, pois me respondes sempre com uma pergunta ou com uma incerteza. Já estou farto disto.

Nemo: Ok. Vou ver o que fazer.

Antonius: Cuidado! Não sejas irônico.

Nemo: Como! Notaste isso?

Antonius: Já alguma vez na tua vida fizeste algo que prestasse?

Nemo: Que eu me lembre...sim.

Antonius: Não acredito.

Nemo: Nem eu acreditei na altura.

Antonius: Como foi?

Nemo: Não sei se valerá a pena eu contar, pois decerto não irás acreditar.

Antonius: Se fizeres um esforço...

Nemo: Não sei se terás estômago para isso.

Antonius: Tu é que não deves estar com fôlego.

Nemo: Queres provar?

Antonius: Esteja à vontade. És o meu convidado.

Nemo: Então, promete-me que não me irás interromper, pois poderei ser maçador ou mesmo entediante.

Antonius: Prometo-te... desde que não haja razões para tal.

Nemo: Estás a pedí-las.

Antonius: Despacha-te.

Nemo: Já que insistes. Presta atenção: Certo dia, quando eu estava por aqui sem nada que fazer...

Antonius: Ahahhahahha

Nemo: Queres ser tu a continuar?

Antonius: Ok... continua tu.

Nemo: Para passar o tempo, peguei na mão, abri a boca e, com a língua, fiz o gesto de quem quer falar e... pronunciei a palavra.

Antonius: Qual palavra?

Nemo: Cala-te. Rompi o silêncio.

Antonius: Eu também.

Nemo: Com uma simples palavra saída desta minha boca resolvi acabar com aquela apatia. Fui bem sucedido. As pessoas pegaram nos seus corpos, arremessaram a preguiça, recuperaram o ânimo e tudo mudou. O passado recente foi esquecido (os seus rostos comprovavam-no). O futuro estava bem presente. (Começava ali). Propus-me para dois dedos de conversa com os meus botões para apreciar o impacto da palavra por mim dita instantes antes.

Impressionado com esse meu momento de reflexão, deixei-me embalar e, ao invés de serem dois dedos de conversa perigosamente tornaram-se imensos e, quase que me isolava do grupo quando um membro do mesmo se lembrou de mim e repetiu a palavra anteriormente por mim dita: VAMOS.

Antonius: Impressionante. Não sabia que algum dia conseguirias fazer tal coisa.

Nemo: Eu também acho. Tenho muito orgulho nisso.

Antonius: Uma coisa agora eu não entendo: A tua coragem, o teu descaramento para me contares isso.

Nemo: Nem eu te entendo, agora. A inveja mata, meu caro.

Antonius: Como é que me consegues contar uma estória da qual eu sou o protagonista?

Nemo: Ainda queres ir embora?

Antonius: Porque não? O que me haveria de prender aqui?

Nemo: Nem estas recordações?

Antonius: Não. Elas continuarão sempre sendo recordações. Somente isso.

Nemo: O que é que te poderia prender aqui?

Antonius: Nada. Já nada me prende aqui.

Nemo: Então, vai.

Antonius: Agora não. Daqui a pouco.

Nemo: Por que esperas? Por quem esperas?

Antonius: Por nada. Por ninguém.

Nemo: Não te compreendo.

Antonius: Não gosto de o ser. Se assim fosse, eu seria dispensável.

Nemo: Para onde vais?

Antonius: Para qualquer lado. Já te tinha dito isso.

Nemo: E qualquer lugar te serve?

Antonius: Sim.

Nemo: Então, fica aqui.

Antonius: Não quero. Já te tinha dito isso antes. Não queres vir comigo?

Nemo: Ali tem água fresca?

Antonius: Não sei.

Nemo: Então, não quero ir.

Antonius: Mais uma vez, mostraste-me o teu egoísmo.

Nemo: Ainda queres ir embora?

Antonius: Porque não? O que me haveria de prender aqui?

Nemo: Nem estas recordações?

Antonius: Não. Elas continuarão sempre sendo recordações. Somente isso.

Nemo: O que é que te poderia prender aqui?

Antonius: Nada. Já nada me prende aqui.

Nemo: Então, vai.

Antonius: Agora não. Daqui a pouco.

Nemo: Por que esperas? Por quem esperas?

Antonius: Por nada. Por ninguém.

Nemo: Não te compreendo.

Antonius: Não gosto de o ser. Se assim fosse, eu seria dispensável.

Nemo: Para onde vais?

Antonius: Para qualquer lado. Já te tinha dito isso.

Nemo: E qualquer lugar te serve?

Antonius: Sim.

Nemo: Então, fica aqui.

Antonius: Não quero. Já te tinha dito isso antes. Não queres vir comigo?

Nemo: Ali tem água fresca?

Antonius: Não sei.

Nemo: Então, não quero ir.

Antonius: Mais uma vez, mostraste-me o teu egoísmo.

Nemo: Não vou discutir isso contigo mais uma vez.

Antonius: Irias comigo se ali tivesse água fresca?

Nemo: Não sei.

Antonius: Não gostarias de me acompanhar numa jornada?

Nemo: Não.

Antonius: Nem numa jornada por água fresca?

Nemo: Não. Por que razão eu faria isso se há aqui água fresca?

Antonius: Pode ser que a água fresca que encontremos ali seja mais fresca do que esta.

Nemo: Não, eu não quero outra água nem mais fresca nem menos fresca que esta. Só me interessa esta.

Antonius: Então, não estás interessado?

Nemo: Não. Não preciso ir à procura daquilo que já tenho.

Antonius: Não te interessa nem a jornada?

Nemo: Não.

Antonius: Nem a minha companhia?

Nemo: Não.

Antonius: Nem a minha presença?

Nemo: Não.

Antonius: Nem a aventura?

Nemo: Não.

Antonius: Não ficarias contente se descobrisses algo de diferente?

Nemo: Quem te garante que eu irei descobrir alguma coisa ali?

Antonius: Ninguém.

Nemo: Porque é que isso terá que ser diferente?

Antonius: Não sei. Eu supus que assim fosse.

Nemo: Fazes isso sempre?

Antonius: O quê?

Nemo: Supor aquilo que não tens certeza?

Antonius: Não. Precisei dizer isso. Não me canses, agora.

Nemo: Como? Já te cansaste? Imagina a viagem!

Antonius: Foi uma forma de expressar.

Nemo: Se eu te canso numa pequena conversa, como é que queres que eu te acompanhe numa longa jornada? Eu não te entendo, Antonius.

Antonius: Não arranjes desculpas para a tua fuga.

Nemo: Não senhor. Não sou eu quem quer fugir.

Antonius: Cala-te.

Nemo: Então, já não me queres convencer? Já não queres falar comigo?

Antonius: Não é isso. Sabes muito bem do que se trata.

Nemo: Então, explica-te. Ou melhor, explica-me.

Antonius: O que queres saber? Já nem sei o que dizer.

Nemo: Conta-me os teus planos.

Antonius: Para quê?

Nemo: Para ver se alinhó.

Antonius: Não creio que seja isso.

Nemo: Então, será o quê?

Antonius: Tu deves ter outros planos.

Nemo: Não, o meu único plano é ouvir-te agora para depois saber agir, saber decidir.

Antonius: Ok. Vamos nessa direção.

Nemo: E depois?

Antonius: Continuamos sempre em frente. Até chegarmos a qualquer lugar.

Nemo: Gostei do teu plano. Quanto tempo demorará isso?

Antonius: Ainda não sei, mas levarei isto comigo.

Nemo: O que é isso?

Antonius: Sei lá. O vendedor da feira onde o comprei disse-me que servia para controlar o tempo. Espero que funcione.

Nemo: Eu também. Precisarás mesmo de controlar o tempo?

Antonius: Sim.

Nemo: Consegue-se controlar o tempo?

Antonius: Sim. Precisamos controlar o nosso tempo de viagem.

Nemo: Por que razão precisas controlar o tempo?

Antonius: Preciso saber quanto tempo demorarei ali, para saber se posso ficar mais tempo ou não.

Nemo: E tu pensas tudo isso?

Antonius: Sim.

Nemo: A toda a hora?

Antonius: Não. Nestes últimos tempos que o tenho feito.

Nemo: Entendi.

Antonius: E tu nestes últimos tempos que tens feito tu?

Nemo: Nada.

Antonius: Então, sentes-te realizado assim?

Nemo: Não.

Antonius: Então, porque é que me tentas martirizar com os teus delírios e as tuas rabugices?

Nemo: Antes disso, do que me vitimizar e dizer: Quem me dera poder me mascarar para não mais ver estes meus olhos carpirem. Quero isolar-me, fechar-me em cópulas, dormir, morrer os instantes que me faltam. Quero que tudo isso seja rápido. Ando a procura da minha sorte. Não sentes vergonha em dizer tais palavras?

Antonius: Eu não sei o que te deu agora, mas devo dizer-te que não te saíste bem. Essa personagem de macaco de imitação não faz o teu tipo. Há pessoas que se deviam contentar com aquilo que lhes foi dado pela Mãe-Natureza e não andar por caminhos tortuosos e agitados. Nem todos nós possuímos esse dom. Há que saber reconhecer isso.

Nemo: Ainda não reparaste que ninguém te pediu nenhuma explicação; que não tens nenhuma platéia a te escutar; que tudo aquilo que falas fica mesmo entre estas quatro paredes; que só eu te ouço.

Antonius: Fizeste-me repensar tudo agora e dar-te uma resposta à altura da baixeza daquilo que disseste. Já sabes quem és tu: NADA.

Nemo: Já chega desta conversa. Isto já perdeu a graça.

Antonius: Afinal, o que é que te interessa?

Nemo: Nada. Aliás, beber a minha água fresca.

Antonius: Nada mais te satisfaz?

Nemo: Já não quero responder a essa pergunta. Prefiro que te cales e que me concedas o meu desejo. Se isso não acontecer, mais uma vez, deixa-me em paz. Sim ou Não?

Antonius: Não seas agressivo. Isso não te levará a lado nenhum. Não seas ridículo e nem começas a choramingar porque ninguém mais já tem pachorra para isso.

Nemo: Olha que me estás a ofender. Não estou a gostar daquilo que estou a ouvir. Seria bom que pensasses melhor.

Antonius: Nem por isso. Já tinha pensado nisso tudo.

Nemo: Ficarias bem se eu dissesse isto: não que eu queira ser pessimista. Juro que não o serei, mas pergunto: Onde está a minha sorte? Será que Deus trabalhou o mundo de tal forma que aqui deixou os resíduos e eu sou um deles – um resíduo. Eu sou o tal, o azarado, o último a chegar e o primeiro a ser excluído. Não me digam que eu não avisei. Desengana-te. Isto não é o meu fim. Tenho planos. Triunfarei. Não digas que não te avisei. Ponto final.

Antonius: Repete lá, por favor.

Nemo: Porquê? Não me percebeste ou não ouviste?

Antonius: Não. Ouvi-te e percebi-te. Só gostaria de ver como ficarias de novo. Se a tua figura permaneceria igual. Se serias igual a um parvo.

Nemo: Não me convenceste.

Antonius: Não te quero convencer. Só te estou a convidar. Cabe a ti decidir. A jornada encarregar-se-á de te convencer. Deixo essa parte sob a responsabilidade do caminho. Já me conheces.

Nemo: Convence-me.

Antonius: Preste atenção: tenciono pegar nos meus pés, levá-los ao alto, tocar o céu, descer e dizer e explicar, e mostrar e ver. Irás comigo. Vou retirar a inércia das minhas mãos e libertar-te do cativeiro. Vou desfazer e construir e dividir e multiplicar e pegar e sentir. Vou fazer-te sentir. Vou pegar-te, levar-te, mostrar-te, transformar-te de olhos abertos ou fechados. (Não me importo). Raios me partam. Vou conseguir. Vou emudecer-te com a minha voz, ensurdecer-te com o

meu barulho, atarantar-te com o meu hálito e ilustrar com a minha mímica. Sim ou Não?

18

Tenciono convencer-te, indeciso. Vou com coragem e sem receios e nem rodeios, fazer-te um convite. Vou convidar-te a vir comigo. Irás comigo.

Nemo: Não, meu caro. Esconder-me-ei de ti. Ficarei por aqui. Tornar-me-ei intocável. Falarei sozinho. Ficarei sozinho. Comerei sozinho. Estarei sozinho.

Sozinho. Sozinho. Eu sozinho. Estarei sozinho a vaguear por aqui. Não quero que decidas por mim. Quero que me convenças.

Antonius: Convencer-te é o quê? Tirar-te deste lugar? Tentar outro ar? Sugerir-te outro espaço? Não queres. Não vou mais repetir.

Nemo: Não te pedi para não me tirares daqui. O problema é que eu quero ficar aqui. Não me vejo num outro espaço.

Antonius: Mas, tenta. Ao menos faz isso. Acompanha-me nesta jornada.

Nemo: Não me apetece. Não quero viajar. De quem terei saudades se eu viajar? De quem falarei na jornada? Com quem terei rompido os meus laços? De que passado falarei? De quem falaremos?

Antonius: Mas, viajar é isso. É deixar para trás um rasto. É lançar uma palavra e esperar que alguém faça dela uma frase. Vem comigo.

Nemo: Não. Prefiro ficar aqui contigo. Prefiro ficar aqui e ter saudades. A saudade manter-me-á vivo.

Antonius: Não te entendo. Nunca te entendi.

Nemo: Prefiro entender-me. Dar-me as minhas respostas e, no final, ficar satisfeito comigo mesmo.

Antonius: Mas isso é egoísmo.

Nemo: Não. Não é nada. Isso chama-se tratar da minha vida.

Antonius: Não sejas isso.

Nemo: Serei eu o quê?

Antonius: Algo melhor. Alguém bem melhor.

Nemo: Como tu?

Antonius: Não me estava a dar como exemplo, mas se quiseres...

Nemo: Era só isso?

Antonius: Nemo, digo-te isto pela última vez: vou-me embora daqui.

Nemo: Para onde vais?

Antonius: Vou para qualquer lugar.

Nemo: Então, por que vais?

Antonius: Por que motivo haveria de ficar se tu não queres ir comigo?

Nemo: Por que queres ir embora?

Antonius: Porque já não quero mais aqui ficar.

Nemo: Já não suportas isto?

Antonius: Continuo suportando.

Nemo: Então, porque não ficas?

Antonius: Porque quero mudar.

Nemo: Nunca me disseste isso.

Antonius: Não sou obrigado.

Nemo: Está bem. Já nada te prende aqui?

Antonius: Não.

Nemo: Lá tem água fresca?

FIM